

A VISÃO SINTÁTICA DE MAXIMINO MACIEL

Ânderson Rodrigues Marins (UFF)
andermarins@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A escolha por uma obra pautada na corrente científica (histórico-comparativa) dá-se pela real importância que tal método de investigação promoveu no estudo do vernáculo, do fato gramatical.

Consonante a tal visão metodológica Maximino de Araújo Maciel, grande expoente do pensamento positivista do século XIX mediante firme detalhismo na organização e divisão da gramática, partidário de ideias claras e procedimentos rigorosos, divulga entre nós profícuas orientações fornecidas pela cientificidade dos estudos linguísticos em sua *Grammatica Descriptiva*, “baseada nas doutrinas modernas”. Quanto à influência doutrinária assegura: “apesar, porém, do grande número de obras citadas, parece-nos que se não perdeu a nossa individualidade nesse compêndio, porque a doutrina assimilada juntamos as nossas observações próprias, como verão os competentes” (Maciel, 1914, prólogo).

Com efeito, o estudo de Maciel figura, conforme proposta do eminente Prof. Dr. Ricardo Cavaliere (2002), na *fase fundadora* (1881 a 1920) do *período científico* dos estudos gramaticais brasileiros, momento em que se percebe especial preocupação com a descrição do português contemporâneo.

Assim é que, ante as novas tendências da época, parece inequívoco alegar que nosso autor não foge à regra ao mostrar-se inclinado a derivar, *ipso facto*, por rota distinta dos modelos anteriores, marcados pelas propostas da gramática filosófica. Categoricamente, o mestre sergipano (*id.*, *ibid.*) adverte: “baseando-nos nas doutrinas modernas, concorreremos de algum modo para romper com a velha tradição, quebrando os antigos moldes em que se vasava a *grammaticographia*”.

Portanto, tivemos em mente que a Historiografia Linguística investiga dicotomias como *continuity* ou *discontinuity* (cf. Koerner, 1995) dos processos linguísticos provenientes da relação Língua e

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

História, assim como permanecia ou ruptura dentro de uma ordem teórica já produzida.

Baseamo-nos em princípios teóricos do Konrad Koerner (1995), - *Contextualization, Immanence e Adequation* -, os quais traremos à baila ao investigar a visão sintática de Maximino Maciel na *Grammatica descriptiva* (1914). Nesta a *syntaxologia* encontra-se tripartida em *syntaxe relacional*, *syntaxe phraseológica* e *syntaxe literária*, mas nos ocuparemos exclusivamente da primeira, porquanto entendemos que a natureza do tema faz jus a ser mais detalhada, o que tornaria o estudo demasiado extenso, excedendo, assim, o limite a ele dirigido.

Maximino Maciel e a partição dos estudos gramaticais

Atente-se para a significativa influência do filólogo francês Arsène Darmesteter entre gramáticos brasileiros na virada do século XX, como, por exemplo, Eduardo Carlos Pereira, João Ribeiro, Alfredo Gomes e outros (Cavaliere, 2000, p. 43).

Em Maximino Maciel, ela fica patente em razão do especial relevo atribuído à *semiologia*:

A divisão tripartita da generalidade dos *grammaticographos* – em **phonologia**, **lexiologia** e **syntaxiologia** – não tem mais razão de ser, depois que o estudo da **significação** se individualizou, constituindo por si um ramo definido, máxime com os estudos de Darmesteter que usa do termo **semantica** para designar a theoria lógica da significação (p. 3).

Considere-se que os primeiros acordes do estudo das significações soam por volta de 1825, quando o latinista alemão K. Reisig inclui a ‘semasiologia’ ao lado da etimologia e da gramática. Para ele, ‘semasiologia’ representaria uma disciplina *nova*, histórica, que estudaria os princípios que norteiam a evolução do significado das palavras. A partir de 1886, Hermann Paul inseri na segunda edição de uma das mais relevantes obras da escola neogramática, *Princípios fundamentais da história da língua* (Prinzipien der Sprachgeschichte), um capítulo sobre a significação das palavras e sua evolução.

Destarte, o termo *semântica* generalizar-se-ia, na linguística ocidental, para designar a *ciência das significações*. Foi amplamente difundido, com a publicação, em 1887, do livro de Darmesteter: A

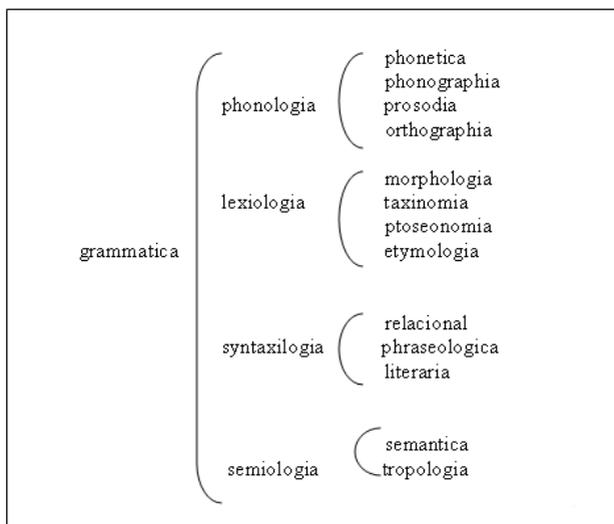
Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

vida das palavras estudadas em suas significações e, em 1897, do trabalho de Michel Bréal: *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Em português, no Brasil, ocorre pela primeira vez em *Noções de semântica*, de Manuel Pacheco da Silva Júnior (cf. Marques, 1990, p. 32-3) e, posteriormente, em *Meios de expressão e alterações semânticas*, de Manoel Said Ali.

Nas gramáticas, o trabalho de Maximino Maciel constitui um exemplo significativo do bom agasalho que se deu ao estudo das significações léxicas. Nosso autor figura como o pioneiro a sistematizá-lo dentro do plano sinótico da gramática.

Envolvido com a precisa partição dos estudos gramaticais Maciel assevera que:

A grammatica estuda as palavras de uma lingua sob as suas quatro modalidades, isto é, como *som*, como *organismo*, como *função* e como *signal*; e assim se deve dividir em phonologia, lexiologia, syntaxiologia e semiologia (p. 3).

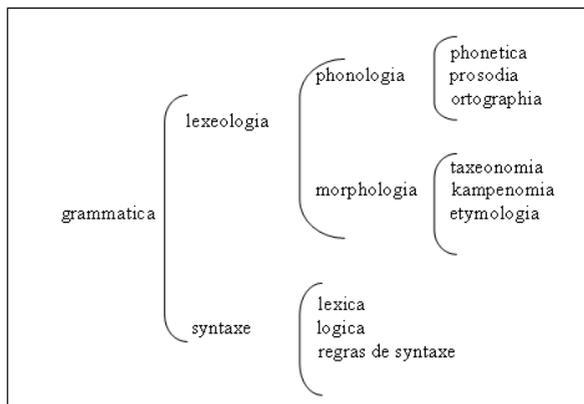


Plano sinótico da *Grammatica descriptiva* (1914)

E dessa forma garante inconciliação frente algumas posturas seguidas:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

A maior parte dos grammaticos e professores seguem a divisão da grammatica em **morphologia** e **syntaxilogia**, de accordo com o que estatuui o prof. Julio Ribeiro, a quem não damos razão neste ponto e por isso persistimos na nossa divisão, conforme o nosso plano synoptico (p. 4).



Plano sinótico da Grammatica portugueza, de Julio Ribeiro (1911).

Inclinado a um detalhismo, por vezes, exaustivo, nosso autor elabora seu plano sinótico desenvolvendo uma versão mais pormenorizada do que, por exemplo, a de Julio Ribeiro em sua *Grammatica portugueza* (1911).

De acordo com Cavaliere (2000, p. 57):

Esse descritivismo pormenorizado tinha, além do fim óbvio de levar às últimas consequências o princípio do experimentalismo indutivo, outro mais pragmático: o trabalho de Maciel entrava no mercado para figurar entre os compêndios mais usados nas classes de Língua Portuguesa.

A busca por uma obra suscetível de aplicação prática revela uma das preocupações do autor quanto à elaboração do *Plano Sinótico*. Especialmente no que tange à questão didática, um quadro resumo poderia, talvez, colaborar para uma melhor fixação da matéria. No entanto, o próprio autor da *Grammatica descriptiva* admite certa dificuldade de aplicação de sua obra em sala de aula, devido seu maior compromisso com a descrição do fato linguístico do que com o ensino da língua pátria nas escolas.

Assim é que, em prefácio da 3ª edição, Maciel declara: “Bem sabemos que, [sic] para os que se iniciam na aprendizagem é pesada

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

a nossa Grammatica e até inconveniente, desde que ao alunno não prescreva e limite o professor o que tem de ser estudado” (*Apud* Cavaliere, 2000, p. 134).

A syntaxologia na Grammatica descriptiva

Questão peculiar que cumpre destacar inicialmente reside na especial atenção atribuída à sintaxe, na qual põe as análises sob a égide de “exemplos selectos, hauridos aos principaes escriptores que se nos afigurou poderem servir de normas á syntaxe da língua” (Maciel, 1914, prólogo).

Não obstante ser de larga aplicação na linguística descritiva, Maciel opunha-se ao uso de testemunhos próprios como exemplos dos fatos linguísticos expostos. A bem da clareza, o comprometimento de Maciel com suas fontes bibliográficas leva-o a traçar um seguro painel das influências estrangeiras na gramática brasileira, encontradas no rodapé de cada página, onde faz referência àquelas que consultou.

Para o mestre sergipano, *syntaxologia* “é o tratado das palavras, consideradas collectivamente, isto é, nas suas diversas funções ou relações logicas” (p. 253) e merece ser dividida em *syntaxe relational*, *syntaxe phraseológica* e *syntaxe literária*. À *syntaxe relational*, seguramente, confere significativa dedicação ao estudo das *funções*, em detrimento do que haviam feito Pacheco da Silva e Lameira de Andrade e Julio Ribeiro, que se detinham ao das *relações*.

Konrad Koerner (1995) apresenta três princípios teóricos que são básicos para a praxe historiográfica e seguem como premissas inarredáveis, a saber: *principle of contextualization*, *principle of immanence* e o *principle of adequation*.

À luz do *principle of contextualization* (Koerner, 1995, p. 17) – *the establishment of the general ‘climate of opinion’ of the period in which they have been advanced* – pode-se avaliar que na segunda metade do século XIX as ideias de Marx, Darwin e Freud avivavam a ciência e a filosofia quanto aos estudos referentes à natureza e evolução numa corrente batizada Naturalismo. Considere-se ainda que, conforme Sevckenko (2003, p. 286):

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira.(...) Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir.

Confronte-se tal fato com a definição de Maximino Maciel quando declara que “*syntaxe relacional é o tratado das funções e relações das palavras, isto é, da sua concordância e posição no organismo da proposição simples*” e “*função o papel que na proposição exerce a palavra, como resultado syntactico das suas relações*” (p. 253). Essa atitude revela, *a fortiori*, o liame do autor à vertente naturalista da língua: *funções*, assim como nos seres vivos cada órgão realiza uma função específica no todo. Some-se, ademais, a inserção de expressões como *órgão*, *organismo*. (Fávero, 2006).

Segundo ele (p. 254):

Seis são as funções das palavras ou expressões no organismo da proposição, a saber:

- A) *Função subjectiva,*
- B) *Função predicativa,*
- C) *Função attributiva,*
- D) *Função objectiva,*
- E) *Função vocativa,*
- F) *Função adverbial.*

As duas primeiras são fundamentaes, pois a ellas se reduz a proposição no seu menor desenvolvimento, e as demais são accessorias, pois apparecem apenas para modificar e desenvolver, ora o sujeito, ora o predicado”.

Levando-se em conta o que propõe Koerner (1995, p. 18) acerca do *principle of immanence - the general framework of the theory under investigation as well as the terminology used in the text must be defined internally and not with reference to modern linguistic doctrine* –, buscamos conhecer a terminologia linguística da época tomada para estudo a fim de não transportar para o passado os termos atuais.

Assim é que, em síntese, no *tratado das funções* sintáticas de Maciel, vislumbra-se a *função subjectiva* – a da palavra ou expressão quando em papel de sujeito -, *função predicativa* – quando em papel

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

de predicado -, *função atributiva* - em papel de adjunto atributivo -, *função objetiva* – palavra ou expressão a qual se transmite a ação do verbo de predicação incompleta -, *função vocativa* - a que indica a pessoa ou coisa a que nos dirigimos - e *função adverbial* – a que, mediante uma circunstância, modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio.

Sob a égide do *principle of adequation*, (Koerner, 1995), - *modern approximations of the technical vocabulary and a conceptual framework that would allow a better appreciation of a given work, concept, or theory* - poder-se-ia sinonimizar o termo *fundamentais*, utilizado por Maciel ao referir-se às duas primeiras funções, com *essenciais*; pois é notório que a oração, de modo geral, se compõe de dois termos - *sujeito e predicado* – chamados, hoje, essenciais.

Em relação às demais funções que, via de regra, os seguem adjacientemente a fim de modificar e completar o sentido do núcleo (considerado aqui o elemento do sintagma, como um nome, um verbo, um adjetivo, que determina o caráter nominal, verbal ou adjetival da construção (Ferreira, 2004, p. 1415), ou, onde reside o termo de maior importância que definirá a concordância da construção), chama *acessórias*.

Ordinariamente, o que se nos apresenta são palavras ou expressões desempenhando o que tradicionalmente conhecemos por *sujeito, predicado, adjunto adnominal, objeto direto ou indireto, vocativo e adjunto adverbial*.

Por certo, são classificadas mediante o papel que podem desempenhar, o que, a rigor, está vinculado ao seu *potencial funcional* (Perini, 2006). Portanto, a função das palavras ou expressões é definida em virtude do contexto e de suas devidas relações sintagmáticas.

Deste modo é que, ao mudar-se o contexto, um sintagma nominal que exercia o papel de sujeito pode exercer a de objeto direto ou complemento de preposição. Considere-se, pois, que os três casos têm a peculiar característica de serem utilizados como referencial, designando um ser ou uma coisa qualquer.

Em paralelo, no trabalho de Maciel correspondem ao predicado da gramática tradicional aqueles que figuram como sintagma verbal. E como modificadores de um nominal, aqueles que possuem

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

propriedades tradicionalmente atribuídas aos adjuntos adnominais (ou sintagma adjetival), assim como denotadores de circunstâncias, aqueles que se comportam como adjunto adverbial (ou sintagma adverbial).

No tocante à função vocativa, revelada como expressão de natureza exclamativa, o mestre sergipano confere ao sintagma nominal (o qual pode ser representado por substantivo ou pronome, admitindo presença de expansões como adjuntos adnominais, orações adjetivas) o poder de, como já referido, indicar a pessoa ou coisa a que nos dirigimos.

Com efeito, pelo seu desligamento da estrutura argumental da oração, o vocativo representa, por si só, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições (Bechara, 2003).

Confronte-se, por fim, que Maximino Maciel, ordinariamente bem sucedido na descrição criteriosa dos fatos linguísticos, assevera que função vocativa é a *palavra ou expressão posta interjectivamente na proposição* (p. 260).

PARA FINALIZAR

É de conhecimento geral que o século XIX foi um período de grandes acontecimentos no cenário político, econômico e ideológico em um Brasil recém republicano que lutava para fundar sua nova identidade: a identidade nacional, fator de extrema importante para o surgimento de muitas obras de caráter nacional.

Poder-se-ia, pois, afirmar que muitas acepções gramaticais hodiernas provêm das gramáticas de inestimável representação naquele frutuoso século. De maneira especial, podemos citar as de João Ribeiro, Júlio Ribeiro, Ernesto Carneiro Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira e Hemetério dos Santos, entre outros.

Assim é que, notavelmente, apreende-se que a consolidação dos fundamentos sintáticos da moderna gramática brasileira, nos moldes em que até hoje se organizam, deve-se ao contributo de gramáticos como Maximino de Araújo Maciel, o qual, *in illo tempore*, tratou a fundo os fatos atinentes ao estudo da língua vernácula. E

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

semelhante à esperança que nos fica enquanto estudiosos, pesquisadores e intelectuais de modo geral, assim revela: Restar-nos-á sempre o lenitivo, o incentivo de haver concorrido para a difusão de luzes em nossa Pátria (Maciel, 1914, prólogo).

BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. A contribuição de M. Said Ali à linguística portuguesa. **In:** ALI, M. Said. *Investigações filológicas*. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

———. *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Padrão, 1983.

———. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

CAVALIERE, Ricardo S. *Fonologia e Morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói: EdUFF, 2000.

———. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n° 23, 2002.

FÁVERO, Leonor Lopes & MOLINA, Márcia A. G. *As concepções linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

KOERNER, Konrad. Persistent issues in linguist historiography. **In:** KOERNER, Konrad (ed). *Professing linguistic historiography*. Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1995.

MACIEL, Maximino de Araujo. *Grammatica Descriptiva*. 5ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1914.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

MARINS, Ânderson Rodrigues. Tradição Gramatical Brasileira do Século XIX. In: *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CIFEFIL, Vol. XI, nº. 04, 2007, p. 209-219.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 10ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1911.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.